





Para aquecer a noite de Natal



Eu lhe dei comida, companhia e provas
de que ela não fora esquecida.

POR BILL RICHARDSON

Lembro-me de um Natal há muito tempo, um Natal que começou de um modo pouco promissor. Todos do meu grupo tinham viajado no feriado. Recusei vários convites para ir com eles.

- É festa! - disseram. - Ninguém deveria ficar sozinho.

- Vou ficar ótimo.



Acreditava mesmo que sim.

- Não tem problema nenhum - garanti.

Acreditava sinceramente que não tinha.

O meu hábito é abrir os presentes na véspera de Natal e, embora não me lembre direito, provavelmente me presenteei aquela noite com uma taça de champanhe. Não sou de ir à igreja, e sei que não fiquei tentado pelos sinos que tocavam no final da rua onde eu morava na época, convocando os fiéis que iam de braço dado para a Missa do Galo; parecia que ninguém estava sozinho.



Essa ideia deve ter se abrigado na minha cabeça, o equivalente psíquico de um fiapo de manga nos dentes, porque sei que acordei na manhã de Natal com uma sensação de vazio, depressão e terrível isolamento. Eu subestimara em mim a vulnerabilidade aos imperativos festivos daquela época do ano. E superestimara minha capacidade de sentir solidão. Por que fora tão estúpido, tão convencido pelo mito da autossuficiência? Por que fora tão orgulhoso? Fiquei deitado ouvindo a chuva bater na janela e meditei sobre a expressão “autor do próprio infortúnio”. Imaginei que o autor tem o poder de mudar a narrativa, de controlar o final. Assumir o comando. Não há razão para um dia que começa manchado de tragédia não terminar enfeitado de alegria. O problema

da solidão é fácil de resolver com o acréscimo de um. Transformei o teto em caderninho de endereços, projetei nele o nome dos conhecidos que poderiam também dispor de triste liberdade. Pensei em Nora*.

Conhecia Nora havia anos e nos víamos de vez em quando. Éramos sempre cordiais, nunca íntimos. O sustentáculo do nosso relacionamento era uma inquietude inata. Encontrara com ela na rua recentemente. Fiquei surpreso. Ela saíra do bairro e fora morar numa pequena ilha ao largo do litoral. Mas não encontrou lá o que buscava e voltou para a cidade.

Seja qual for a fada responsável pela paz de espírito, não foi convidada para o batizado dela, para quem

*Nome trocado para proteger a privacidade.

a vida nunca seria simples e fácil. Essa era uma característica de Nora que eu apreciava.

- Aqui fala Nora - disse ao atender ao meu telefonema na manhã de Natal. Era uma voz esfumada e trêmula. Nada ali revelava a dureza que até um arranhão superficial revelaria.

- Você estaria livre para jantar?

Deu para ouvi-la tragando um dos muitos cigarros que lhe marcavam o dia.

- Espere, vou olhar a agenda - foi a resposta, e houve uma pausa apropriada. - Estou, sim. Parece que não há nada hoje. O que quer que eu leve?

- Nada - respondi. - Só você. Cuidarei de tudo.

No supermercado 24 horas, comprei o último frango assado. Tinha ficado tempo demais no espeto, mas

mão e com mais maquiagem do que já a vira usar. Estava afobada. À porta, ela enfiou um vidrinho de comprimidos na minha mão.

- Para você. Achei que talvez lhe seja útil.

Olhei o rótulo.

- Antidepressivos?

- Da minha receita antiga - disse ela. - Agora estou tomando outro mais forte. E trouxe isso para os cachorros. - Enfiou a mão na bolsa e puxou um punhado de palha.

Os cães se deitaram no sofá e a olharam percorrer a sala (onde eu acabara de passar o aspirador de pó), espalhando palha aqui e ali.

- Assim podem se sentir numa manjedoura. Ah! Acabei de perceber. Manjedoura, *manger*... É "comer" em francês, não é?



Para Nora, a vida nunca seria simples e fácil, e, onde quer que esteja hoje,
ESPERO QUE TENHA ENCONTRADO O NECESSÁRIO PARA SUAVIZAR SEUS DIAS.

foi a ocasião perfeita para aplicar aquele ditado sobre cavalos e dentes. Comprei também algumas bandejas de salada - batata, repolho, cenoura - e um bolo de frutas secas de origem incerta. Só restava limpar o apartamento e pôr a mesa.

Nora chegou meia hora antes, toda arrumada com elegância de segunda

Bela piadinha, me pareceu.

- Vamos? - perguntei.

- Vamos.

Daquele jantar de Natal, não me lembro de muita coisa específica. Não se prolongou, não demorou muito mais do que o necessário para limparmos do prato quase tudo o que comprei. Conversamos, como

sempre, sobre as suas várias doenças e desapontamentos, uma longa ladainha que teria sido cansativa se Nora não fosse tão infalivelmente engraçada. Lembro-me que joguei fora os comprimidos assim que ela se foi e que deixei a palha no chão até o dia seguinte; os cães, resolutamente urbanos mesmo quando filhotes, como eram na época – hoje são geriátricos –, nunca demonstraram nenhum interesse. E me lembro que, embora improvisado, Nora gostou do jantar. Estava com fome. Fome de comida e fome de contato. Como eu.

O meu presente para Nora foi um piquenique natalino de última hora, no qual gastei pouquíssimo esforço e 20 dólares no máximo. Mas não duvido que acertei. Não lhe dei nada duradouro nem caro, só comida, companhia e provas de que ela não fora esquecida:

coisas simples que, por acaso, atenderam à sua necessidade naquela época e naquele momento. E, sim, eu também obtive aquilo de que precisava: um curativo para a minha solidão.

Isso faz uns dez anos ou mais. Se Nora se lembra do Natal que passamos juntos, não faço ideia. Já me mudei três vezes desde então – três, não, quatro – e sempre achei, contra todas as esperanças, que encontraria na casa seguinte o que faltava na anterior. Ficaria surpreso se soubesse que Nora não desmontou a sua tenda com a mesma frequência; não sei dizer, porque perdi o contato com ela. Alguém me disse que saiu da cidade outra vez, que foi tentar outra ilha. Espero que seja um lugar onde tenha encontrado o necessário para suavizar os seus dias, para ajudá-la a passar por todas as noites, as quentes e as geladas.

ANTIGUIDADES

Levei um aspirador de pó velho para o bazar de caridade e coloquei-o na parte dos aparelhos elétricos. Quando estava indo embora, vi um homem agarrar o aspirador, entrar numa caminhonete e vir atrás de mim. De volta em casa, ambos paramos. O homem se dirigiu para mim, mostrando o aspirador.

– Desculpe – disse ele –, a senhora por acaso teria o manual de instruções para isto?

Jacqueline Buckle

O ex-proprietário do bangalô de minha sogra deixou uma lavadora quebrada na garagem. Quando um caminhão com um fogão velho e vários outros itens antigos estacionou diante de sua casa, ela bateu no vidro do motorista.

– Está coletando sucata? – indagou.

– Não – respondeu. – Estou de mudança para a casa vizinha.

Neil Newton

